

## Quarenta anos de reinado

O nascimento de Sebastião trouxe grande alegria e esperança a seus avós e a toda a população do reino, entristecida pela recente morte do seu príncipe herdeiro.

No palácio da Ribeira, a mãe, Joana, desconhecendo ainda a morte de seu marido, admirava enternecidamente a criança recém-nascida.

Após a cerimónia de batizado de Sebastião foi informada da morte de seu esposo. Desgostosa, decidiu abandonar o reino e regressar a Castela, deixando o filho ao cuidado dos avós.

Nos seus três primeiros anos de vida, Sebastião viveu rodeado dos mimos dos avós e de toda a população do reino, que o adorava. Gostava de brincar com o seu cavalinho de madeira e, empunhando uma espada, igualmente de madeira, imaginava-se a combater os Mouros, tal como os seus antepassados.

A sua avó muitas vezes alertava o rei para não contar com entusiasmo exagerado as conquistas dos reis antecessores, pois receava que o seu muito querido neto crescesse com essa obsessão.

Triste foi o dia em que o pequeno Sebastião recebeu a notícia de que seu avô o deixara para sempre e de que, a partir dali, viveria apenas nas suas recordações.

A avó Catarina perdeu o que restava de alegria no seu olhar, passando agora muito tempo ausente das atividades diárias do neto.

Sebastião foi crescendo e os seus dias eram passados a estudar latim, humanidades e matemática, sendo esta disciplina orientada pelo famoso Pedro Nunes. O momento do dia que mais apreciava era quando ia andar a cavalo e aprendia a manejar as armas.

Os anos foram passando e o jovem-príncipe ansiava pelo dia em que lhe entregariam o trono do seu tão querido reino.

Quando completou catorze anos, a vinte de janeiro de mil quinhentos e sessenta e oito, o seu tio Henrique entregou-lhe a regência do reino, até então a seu cargo.

O agora, D. Sebastião, sonhava com a conquista de terras no norte de África.

Sua avó bem que tentava demovê-lo destas ideias ambiciosas e guerreiras de conquistas e glórias. Suplicava-lhe que, se não fosse pela sua vida, ao menos pensasse no destino do reino, que seria fatal caso morresse numa batalha.

Em mil quinhentos e setenta e um chega ao reino o poeta Luís Vaz de Camões, que é recebido pelo jovem rei, a quem lê uma das mais belas obras de poesia do mundo, *Os Lusíadas*, dedicada a este soberano. Nos seus versos, o poeta aconselha o rei a restaurar o império africano e a ampliar a fé cristã.

Contrariando a avó Catarina, e os seus tios, o cardeal D. Henrique e Filipe segundo, a vinte e cinco de junho de mil quinhentos e setenta e oito, parte D. Sebastião e um grande exército rumo ao Norte de África.

As dificuldades encontradas foram muitas, mas nem as informações da força do exército mouro fizeram o rei desistir de avançar.

A quatro de agosto desse mesmo ano, dá-se a Batalha de Alcácer-Quibir entre o exército cristão de D. Sebastião e os inimigos infiéis. Foi grande a bravura do rei e dos seus homens, mas não foi suficiente para derrotar os Mouros.

Milhares de soldados morreram nesta horrível batalha e D. Sebastião desapareceu durante o combate. Ninguém sabia ao certo o que lhe tinha acontecido.

O povo, inconformado, não acreditava na morte do seu “rei-menino” e alimentava a esperança de que um dia voltasse.

Seu tio, de avançada idade, tomou novamente as “rédeas” do reino, mas esta era uma situação provisória, pois não tinha descendentes.

Entretanto, numa prisão em Alcácer-Quibir, encontrava-se bastante ferido o rei perdido. Ali ficaria até morrer, se os conselheiros do rei africano não o alertassem para os castigos divinos que poderia receber por deixar sem cuidados um nobre rei.

D. Sebastião foi então tratado no mais absoluto segredo, pois interessava aos mouros que o reino, em crise dinástica, ficasse ocupado com essas questões.

Passaram-se meses até que o desafortunado rei recuperasse a consciência e conseguisse lembrar-se de quem era e do que lhe tinha acontecido.

As notícias da disputa pela sucessão ao trono no seu reino, tornavam os seus dias amargos, mas sabia que era condição para se manter vivo não revelar a sua identidade a ninguém. Jamais o deixariam regressar!

O monarca africano morreu e subiu ao trono o seu sobrinho, que tinha grande consideração pelo rei cristão, a quem tinha, em tempos, pedido ajuda para destronar o seu tio.

Decorria o ano mil quinhentos e oitenta, quando D. Sebastião recebeu autorização para regressar ao seu reino, prometendo não mais voltar.

Entretanto, seu tio, Filipe segundo, cansado das pretensões de seu primo António, Prior do Crato, decidiu preparar um numeroso exército, comandado pelo Duque de Alba, que invadiu o reino nesse mesmo ano.

Em Alcântara, numa manhã de nevoeiro, os dois exércitos encontraram-se, sendo visível a todos os que ali estavam a minoria dos soldados do reino sem rei.

No momento em que iam começar o confronto, surge, envolto em névoa, cavalgando e de espada levantada, o rei "Desejado".

Com grande bravura e heroísmo D. Sebastião e o seu exército enfrentaram o inimigo, que apesar de em maior número, acabou derrotado nesta memorável batalha.

D. Sebastião regressava assim gloriosamente ao seu reino, onde o aclamaram como o legítimo-rei.

Grandes feitos e conquistas alcançou este rei salvador, por terras a sul do continente americano.

No ano de mil seiscentos e oito morreu D. Sebastião, deixando na memória do seu povo quarenta anos de um próspero e venturoso reinado.

Francisco Santos - 1ª Menção Honrosa - 1º Ciclo